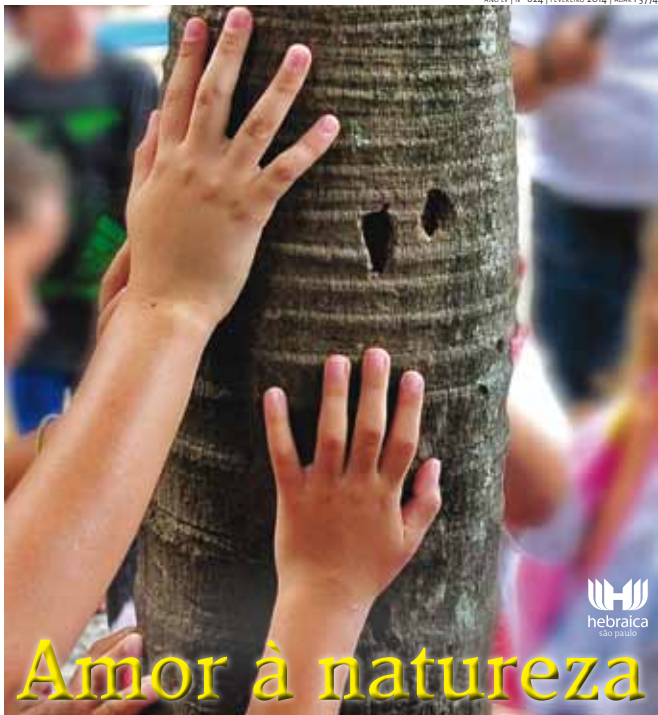


hebraica

ANO LV | Nº 624 | FEVEREIRO 2014 | ADAR I 5774




hebraica
são paulo

Amor à natureza

O Brasil e o campo de Ravensbrück

RAVENSBRÜCK, O MAIOR CAMPO DE CONCENTRAÇÃO NAZISTA PARA MULHERES, ESTÁ LIGADO À HISTÓRIA JUDAICA BRASILEIRA. LOCALIZADO A CERCA DE NOVENTA QUILOMETROS DE BERLIM, CHEGOU A TER 132.000 MULHERES ENTRE MAIO DE 1939 E ABRIL DE 1945, DAS QUAIS CERCA DE 25% DELAS JUDIAS

Olga Benário Prestes foi deportada em 1936 para a Alemanha nazista pelo presidente Getúlio Vargas. Filha de Eugénie e Leo Benário, nasceu em Munique, em 1908, aos 15 anos filiou-se à Juventude Comunista e em 1926, com 18 anos, fugiu para Moscou. Em 1934, Olga foi escolhida para acompanhar o líder comunista Luis Carlos Prestes ao Brasil, onde colaborou para uma tentativa de revolução, a chamada Intentona Comunista, em 1935. Presa no Brasil no mesmo ano, estava grávida de um filho de Prestes. Para se vingar e de alguma forma punir Prestes, o ditador Getúlio Vargas, que simpatizava com o regime de Hitler, em 1936 enviou Olga para a Alemanha nazista.

A filha, Anita, nasceu na prisão feminina de Berlim, em 27 de novembro. Na primavera de 1939, Olga estava no primeiro comboio para Ravensbrück e consta que era tratada como verdadeira heroína no campo. Foi uma das prisioneiras políticas judias mortas nas câmaras de gás de Bernburg, em 1942, onde funcionava uma instalação de eutanásia nas proximidades do campo.

A judia polonesa Rachel Rozenbaum Hocherman nasceu em Kurov, perto Lublin, em 1927, imigrou para o Brasil depois de passar por vários campos, entre eles Ravensbrück, em 1945, e por Auschwitz, em 1942, para onde foi levada depois de ser presa portando uma carteira de identidade falsa de uma não judia, documento que usava para ajudar os judeus da Eslováquia na Polónia.

Quando a guerra terminou, estava confinada a Malchow, campo satélite de Ravensbrück, e levada para a Suécia pela Cruz Vermelha. Veio para o Brasil com uma carta convite de um tio residente no Rio de Janeiro, e conheceu o futuro marido, Moysés Hocherman, em São Paulo, em 1947. O casal e fa-

mília imigraram para Israel em 1969, foram viver em Ramat Gan, onde Moysés morreu em janeiro de 1995 e ela, de câncer, em 2000.

A conexão da outra sobrevivente, Stella Kugelmann Nikiforova, com o Brasil, é mais complicada. Nasceu em Antuérpia, na Bélgica, e tinha 6 anos quando foi libertada, e só adulta descobriu que o pai, o judeu espanhol Luis Gustavo Kugelmann Griez estava vivo. Ela foi internada em Ravensbrück com a mãe, a judia britânica Rosa Klonski, em 1943, que morreu três meses depois.

Quando os nazistas tiraram as mulheres do campo, em 28 de abril de 1945, Stella foi carregada por uma prisioneira de guerra russa, que a levou para a União Soviética. O objetivo desta mulher era ser "reabilitada" como heroína salvadora de crianças, em vez de correr o risco de ser acusada de traição por divulgar segredos enquanto era prisioneira de guerra. A mulher limpou o próprio nome e internou Stella em um orfanato.

Em 1957, quando tinha 18 anos, Stella saiu do orfanato, começou a procurar o pai e descobriu que ele se casara novamente, em São Paulo. Stella visitou-o a primeira vez, em 1963, tinha 24 anos e só falava russo. Pouco à vontade com a nova mulher do pai, somado à barreira do idioma, clima e cultura, seis meses depois voltou sozinha para a União Soviética, e retornou ao Brasil em 1994 para cuidar de assuntos legais relativos à morte dele.

Hoje um memorial, Ravensbrück foi o maior campo de concentração nazista para mulheres, onde as condições pioravam ao longo do tempo. Em 1939, quando Olga Benário Prestes foi internada, o campo era relativamente bem organizado, limpo e funcionava bem. Apesar da tortura e da rotina de trabalho escravo, a ordem e a eficiência nazistas eram visíveis. O objetivo do campo era explorar o trabalho das mulheres ao máximo e depois destruí-las.

As mulheres eram escravizadas em fábricas, fazendas e florestas, e construíam casas para os guardas da SS. Correntes humanas traziam pedras do lago próximo e algumas mulheres puxavam gran-



GAÍCHO DE TRABALHO DAS DETENTAS NO CAMPO DE RAVENSBRÜCK. À MULHER DE PÉTO, NO CENTRO, É A KAPÓDAQUESE SETOR

des rolos para pavimentar as ruas. Algumas prisioneiras trabalhavam em uma fábrica que remodelava couro, peles e têxteis confiscados. As mulheres geralmente trabalhavam doze horas por dia, algumas fabricando componentes para os foguetes V-1 e V-2 para a Siemens, o maior "empregador" do campo.

Ravensbrück foi criado para ser um campo de trabalho escravo, mas havia mortes por tortura, fuzilamento, injeção letal, experiências médicas, fome e gás. Logo após o início da Segunda Guerra, em setembro de 1939, todos os dias chegavam comboios dos países ocupados. Projetado inicialmente para acolher cinco mil mulheres, em pouco tempo havia seis vezes este número de pessoas, o que piorou e deteriorou as condições de vida.

Quarenta e três mil mulheres foram lá internadas entre maio de 1939 e junho de 1944, e nos nove meses seguintes, chegaram mais noventa mil. Perto do fim da guerra, os comboios do Leste elevaram a população a 32 mil mulheres. Em barracas construídas inicialmente para 250 mulheres foram alojadas mais de 1.500, dormindo três a quatro na mesma cama. Milhares de mulheres dormiam no chão, em uma grande tenda com piso de palha. Morriam em grande número.

O exército soviético ocupou o campo de Ravensbrück em 30 de abril de 1945, e encontrou milhares de prisioneiras fracas, doentes e à beira da morte. Cerca de oito mil foram evacuadas pela Cruz Vermelha para a Suíça e Suécia. Dois dias an-

tes da libertação, entre quinze mil a vinte mil mulheres iniciaram uma marcha da morte.

O Holocausto teve efeitos duradouros que afetaram o Brasil de diferentes maneiras. A captura e a entrega de Olga Benário Prestes à Alemanha é um capítulo triste na história do país, embora durante e depois da guerra, o Brasil tenha servido de refúgio para alguns judeus europeus. Entre eles sobreviventes, como Rachel Rozenbaum Hocherman e o pai de Stella Kugelmann Nikiforova. ✦

* Rochelle G. Seidel é fundadora e diretora-executiva do Remember the Women Institute, com sede em Nova York. Foi pesquisadora sênior do Núcleo de Estudo da Mulher e Relações Sociais de Gênero (Nemge), da USP. Este artigo tem por base o seu livro *As Judias do Campo de Concentração de Ravensbrück*, editado no Brasil pela Edusp. Mais informações, www.rememberwomen.org

Perto do fim da guerra, os comboios do Leste elevaram a população a 32 mil mulheres. Em barracas construídas inicialmente para 250 mulheres foram alojadas mais de 1.500, dormindo três a quatro na mesma cama